

Jornalismo e representações: um estudo sobre os povos indígenas no G1/Acre (2013 a 2018)

Journalism and representations: a study about indigenous peoples on G1 / Acre (2013-2018)

Francielle Maria Modesto MENDES*
Universidade Federal do Acre (UFAC)

RESUMO: O artigo tem por objetivo estudar as representações (re)criadas dos povos indígenas no site G1/Acre. As primeiras narrativas escritas sobre o estado do Acre são marcadas pela dicotomia inferno/paraíso tropical e as mais diversas populações amazônicas (indígenas e não indígenas) são identificadas, muitas vezes, como signo do exotismo e do atraso. Nesse contexto, a pesquisa visa a estudar se as narrativas jornalísticas ajudam na manutenção desses pré-conceitos, que narram os povos como homogêneos e estereotipados ou criam novas perspectivas sobre as mais diversas etnias que habitam a Amazônia acreana. O *corpus* do trabalho é formado por uma amostra de 29 textos jornalísticos, publicados entre fevereiro de 2013 a dezembro de 2018, que serão analisados a partir da Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin. O referencial bibliográfico é formado por autores como Stuart Hall, Miquel Alsina, entre outros que discorrem sobre questões relacionadas à região amazônica brasileira acreana.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia. Representações. Povos indígenas.

ABSTRACT: This article aims to study the (re)created representations of indigenous peoples on the site G1/Acre. The first written narratives about the state of Acre are marked by the hell/tropical paradise dichotomy and the most diverse Amazonian populations (indigenous and non-indigenous) are often identified as a sign of exoticism and backwardness. In this context, the research aims at studying whether journalistic narratives help to maintain these preconceptions, which report these population as homogeneous and stereotyped or help to create new perspectives on the most diverse ethnic groups that inhabit the Acrean Amazon. The corpus of the work is composed by a sample of 29 journalistic texts, published between February 2013 and December 2018, which will be analyzed from Laurence Bardin's Content Analysis. The bibliographic reference is formed by authors such as Stuart Hall, Miquel Alsina, and others who discuss about issues related to the Brazilian Amazon region.

KEYWORDS: Amazon. Representation. Indigenous peoples.

Introdução

Este trabalho é parte do projeto iniciado em 2016/2017 intitulado *Imaginário na Amazônia: um estudo sobre as representações produzidas pelo jornalismo do G1/Acre*. Na primeira etapa, se estudou como a Amazônia brasileira, especificamente o estado do

* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (UFAC), onde atua como professora do curso de Jornalismo e da Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade. E-mail: franciellemodesto@gmail.com

Acre, era representada neste veículo de comunicação. Foram coletadas notícias e reportagens que abordavam diferentes temas sobre o Acre relacionados à vida, cultura, meio ambiente, entre outros aspectos da região.

Os textos foram coletados em um levantamento feito na caixa de busca do próprio site. Foram digitadas palavras-chave como: Amazônia, Acre, Floresta, Meio Ambiente, Índios, Animais, Plantas, Mitos, Lendas, Cidade, Cultura, Tecnologia, Economia, entre outras. Para o desenvolvimento da pesquisa em sua primeira etapa (2016/2017), as notícias/reportagens foram divididas em cinco categorias, que contemplavam temas recorrentes: 1) atividade econômica; 2) relação ser humano/natureza (fauna e flora); 3) mitos, lendas, crenças e encantamentos; 4) povos indígenas; 5) meio ambiente.

Na segunda etapa da pesquisa, iniciada em 2019¹, os estudos sobre o site continuam, concentrando-se nas representações sobre a categoria povos indígenas. Neste artigo, o *corpus* estudado compreende textos extraídos do *G1/Acre* entre os anos de 2013 a 2018. Porém, ressalta-se que o Grupo de Pesquisa *Mídias, Imaginário e Representação – uma cartografia das Amazônias* (MIRCA), ao qual o projeto está vinculado, já tem armazenado 72 textos publicados no *G1/Acre* entre 2013 e 2018. Desse universo de pesquisa, 29 textos fazem referência aos povos indígenas e são analisados no presente artigo.

A metodologia usada nesta pesquisa é a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2016). Seguindo o pensamento dessa autora, o presente estudo é organizado nas seguintes etapas: pré-análise (organização propriamente dita – escolha dos documentos, formulação das hipóteses, objetivos); exploração do material (codificação, decomposição ou enumeração, em função das regras previamente formuladas); categorização (divisão dos textos em grupos) e interpretação do material coletado.

Por questões didáticas e metodológicas, os 29 textos da categoria povos indígenas foram divididos nas seguintes subcategorias: saúde (2); cultura (6); isolamento (5); violência (6); estudo (2); direitos (4); racismo (1); aspectos históricos (2); moradia (1), como constam na tabela a seguir:

¹ Em 2019/2020, a pesquisa segue com o projeto de Iniciação Científica intitulado Representações sobre os povos indígenas no jornalismo do G1/Acre (2013 a 2018) cadastrado na Diretoria de Pesquisa da Universidade Federal do Acre, via Edital Propeg 016/2019.

Tabela 1: Matérias coletadas no G1/Acre durante o desenvolvimento do projeto “Imaginário na Amazônia: um estudo sobre as representações produzidas pelo jornalismo do G1/Acre”, organizada pela autora.

NOTÍCIA	DATA E AUTORIA DO TEXTO	CATEGORIA
1 - Funai registra migração de índios isolados do Peru para o Acre	01/02/2013 Genival Moura	isolamento
2 - 'Estão à própria sorte', diz indigenista sobre povos isolados	19/04/2013 Veriana Ribeiro	isolamento
3 - 'Doutor Raiz' usa conhecimentos indígenas para cura de doenças	28/04/2013 Nathacha Albuquerque	saúde
4 - Curta acreano sobre lenda indígena é selecionado em festival internacional	30/07/2013 Veriana Ribeiro	cultura
5 - 'Eles não foram só vítimas', diz historiador sobre índios Náuas	15/11/2013 Francisco Rocha e Veriana Ribeiro	aspectos históricos
6 - Índios isolados fazem contato com Ashaninkas no interior do AC	02/07/2014 Veriana Ribeiro	isolamento
7 - Funai suspeita que índios isolados buscaram contato após agressão	12/08/2014 Lucas Salomão	isolamento
8 - Carteira do Corinthians é encontrada com índios isolados no AC	31/07/2014 Rayssa Natani	isolamento
9 - 'Cultura foi bem representada', diz pajé Yawanawá sobre desfile no SPFW	15/04/2015 Caio Fulgêncio	cultura
10 - Índios feridos durante briga em aldeia no Acre passam por cirurgia	05/06/2015 Iryá Rodrigues	violência
11 - Índios loiros e de pele clara chamam atenção em aldeia no Acre	24/06/2015 Janine Brasil	saúde
12 - Índios fazem 3 servidores do ICMBio e um da Funai reféns em reserva no AC	16/07/2015 Aldecimar Carvalho	violência
13 - Com dança e canto, índios fazem protesto contra PEC 215 no Acre	23/10/2015 Iryá Rodrigues	violência
14 - Índios fecham rodovia no AC em protesto por abastecimento de água	26/10/2015 G1 AC	violência
15 - Índio é preso com 8 kg de droga em carro oficial da Sesai no AC	19/11/2015 Aline Nascimento e Iryá Rodrigues	violência
16 - Índios ocupam casas condenadas e sobrevivem de bananas no Acre	22/12/2015 Caio Fulgêncio	moradia
17 - Eleito melhor DJ do país cria canção inspirada em rituais indígenas do AC	28/12/2015 Tácita Muniz	cultura
18 - Mais de 100 indígenas fazem cursos profissionalizantes no interior do AC	24/02/2016 Iryá Rodrigues	estudo
19 - Série acreana com 13 capítulos vai abordar movimento indígena atual	19/05/2016 G1 AC	cultura
20 - Jogo online sobre povo Huni Kuin do AC é lançado com download gratuito	15/04/2016 G1 AC	cultura
21 - Acre tem 17 terras indígenas que esperam por demarcação, diz estudo	20/09/2016 G1 AC	direitos
22 - Bebê indígena morre após levar tiro na cabeça em Sena Madureira, interior do Acre	28/03/2017 Iryá Rodrigues	violência

23 - Acre anuncia investimento de R\$ 75 milhões para beneficiar povos indígenas	08/06/2017 Caio Fulgêncio	direitos
24 - Acre sanciona lei que institui data da Semana dos Povos Indígenas	12/06/2017 G1 AC	direitos
25 - Edital oferece R\$ 630 mil para projetos que beneficiem povos indígenas no Acre	25/07/2017 G1 AC	direitos
26 - Grupo lança livro digital sobre cultura e práticas indígenas em universidade do Acre	19/04/2018 Aline Nascimento	cultura
27 - Políticos indígenas do Acre dizem sofrer preconceito racial: 'acham que índio é incapaz'	20/04/2018 Iryá Rodrigues	racismo
28 - Cinco municípios concentram quase 70% da população indígena do Acre, aponta levantamento	26/05/2018 G1 AC	aspectos históricos
29 - Com sonho de entrar na faculdade, indígenas saem do interior do AC para se preparar em pré-Enem na Ufac	03/11/2018 Iryá Rodrigues	estudo

A partir dessa subcategorização, faz-se a análise de como os povos indígenas são representados no referido site de notícias.

1 – Amazônia e povos indígenas

Constata-se em muitas narrativas literárias, históricas e também nos meios de comunicação uma limitação ao se pensar a(s) Amazônia(s) a partir de figuras essencializadas, caso, por exemplo, dos próprios indígenas. Dessa forma, a leitura que se faz sobre eles nos séculos XX e XXI segue o pensamento dos primeiros viajantes que chegaram à Amazônia nos séculos XVI e XVII, pois esses sujeitos já os consideravam inimigos do trabalho, como disse La Condamine (1992), citado por Albuquerque (2016):

(...) inimigos do trabalho (...) sem inquietude com relação ao futuro; incapazes de previdência e de reflexão; entregando-se, quando nada os constringe, a uma alegria pueril, que manifestam com saltos e imoderadas explosões de riso, sem objetivo e sem propósito – passam a vida sem pensar e envelhecem sem sair da infância, da qual conservam todos os defeitos (...). Como os indígenas das missões e os selvagens que gozam de liberdade são no mínimo tão limitados, para não dizer tão estúpidos, quanto os outros, não podemos ver sem humilhação o quanto o homem abandonado à simples natureza, privado de educação e de sociedade, pouco difere do animal (LA CONDAMINE, 1992 apud ALBUQUERQUE, 2016, p. 89-90)

Essas interpretações sobre a região e sua gente ajudam na construção do conceito de “amazonialismo” ou no processo de “amazonização”. Albuquerque (2016)

define “amazonialismo” como sendo um “conjunto de ‘conhecimentos’ ou narrativas que inventa, descreve, classifica, cataloga, analisa de forma supostamente objetiva e mesmo científica a ‘Amazônia’, produzindo-a como um lugar no mundo da expansão dos impérios e do imperialismo” (ALBUQUERQUE, 2016, p.77). Ainda no pensar do autor, essa leitura ajuda a apagar e/ou modificar memórias, línguas, culturas e histórias da população indígena e não indígena da(s) Amazônia(s).

Mendes (2013) considera o processo de “amazonização” como a aceitação das características que são atribuídas pelos “outros”/estrangeiros à região, a respeito dos amazônidas sem que haja rompimento das dicotomias e estereótipos. “Eles [os amazônidas] passam a viver as dicotomias e os atrasos que são atribuídos à região, acrescentando esses elementos às suas constituições identitárias” (MENDES, 2013, p.113).

Segundo o documento *Acre em números 2017*, existe no estado uma população de 19.962 indígenas vivendo em 209 aldeias. As etnias presentes no estado são: Jaminawa, Manchineri², Huni Kuin, Kulina, Ashaninka, Shanenawa, Yawanawá, Katukina, Sayanawa, Jaminawa-Arara, Apolima-Arara, Shawādawa, Puyanawa, Nukini, Nawas, Shanenawa, Sayanawa e os “isolados”³.

De acordo com Bessa Freire, no prefácio da obra *Amazônia Indígena*, de Márcio Souza, a “Amazônia indígena explicita o desafio da inserção dos índios numa cultura que se globaliza a partir das matrizes dominantes” (SOUZA, 2015, p. 16). Desde os processos de colonização no século XVI, os povos indígenas são considerados ameaçadores, na perspectiva do pensamento etnocentrista, entre outros motivos, por estarem no caminho considerado do progresso, “ocupando terras ricas em minerais ou por impedirem a expansão da frente econômica” (SOUZA, 2015, p.18). Porém, são esses povos que acumularam conhecimento da floresta e dos seres que ela abriga. “Criaram diversas formas de adaptação humana, não destrutiva, através de formas avançadas de manejo que permitem enriquecer a floresta em lugar de degradá-la” (RIBEIRO, 2015, p.127).

² A etnia Manchineri aparece escrita “Machineri” em dois textos extraídos do G1/Acre para esta pesquisa: “Funai registra migração de índios isolados do Peru para o Acre”, “Eles não foram só vítimas”, diz historiados sobre índios Náuas”.

³ Segundo Souza (2015), isolados são os indígenas que escaparam do contato com a sociedade envolvente, são habitantes de regiões de acesso difícil.

Loureiro (1995) afirma que a Amazônia possui uma cultura dinâmica, original, criativa, em constante contato com a natureza. Essa aproximação é responsável por muitos pré-conceitos em relação à população dessa parte do Brasil, principalmente, dos indígenas, que são interpretados como não civilizados, preguiçosos, exóticos, atrasados, sujeitos do passado, além de muitas outras denominações pejorativas.

A região amazônica e seus habitantes são observados a partir de inúmeros estereótipos imagéticos e discursivos. Usa-se dos estereótipos para caracterizar a Amazônia constantemente como extravagante e misteriosa, homogeneizando-a. Para Albuquerque Junior (2012), esse discurso da estereotipia é repetitivo e caricatural. É uma fala arrogante, de “quem se considera superior ou está em posição de hegemonia, uma voz segura e autossuficiente que se arroga no direito de dizer o que o outro é em poucas palavras” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 13). Dessa forma, tenta-se anular as multiplicidades e as diferenças individuais em nome de reducionismos, mas Luciano argumenta que:

Cada povo indígena constitui-se como uma sociedade única, na medida em que se organiza a partir de uma cosmologia particular própria que baseia e fundamenta toda a vida social, cultural, econômica e religiosa do grupo. Deste modo, a principal marca do mundo indígena é a diversidade de povos, culturas, civilizações, religiões, economias, enfim, uma multiplicidade de formas de vida coletiva e individual (LUCIANO, 2006, p.31).

Segundo Hardman (2009), a Amazônia é uma construção discursiva e sua representatividade é constituída a partir de um imaginário. Nesse sentido, a região está eivada de lugares-comuns, relatos e ficções, que validam seu *topos* geográfico como espaço de homogeneização. Ainda de acordo com o pesquisador, isso acontece nos locais onde a “história ainda não conseguiu fixar marcas simbolicamente eficazes, os cenários são descritos como de geografias selvagens, natureza bruta, populações errantes e dispersas” (HARDMAN, 2001, p.297).

Esses aspectos podem ser percebidos a partir da conformação discursiva presente desde os viajantes conquistadores que chegaram à região amazônica nos séculos XVI e XVII. Por meio de suas crônicas, eles apresentaram um discurso fantasioso e transpuseram para a região amazônica o imaginário europeu. Além deles, os viajantes cientistas também trouxeram o discurso da modernidade e instauraram a dicotomia civilização *versus* barbárie. Todavia, “ao contrário da indígena, a ocupação civilizada da Amazônia é essencialmente destrutiva” (RIBEIRO, 2015, p.127).

Os conceitos sobre a Amazônia e suas populações são categorizados e estruturados a partir do olhar da narrativa e da temporalidade do colonizador. As narrativas construídas ressaltam que os europeus foram os primeiros viajantes a chegarem à região e que grande parte das impressões mantidas até o tempo presente é proveniente dos navegadores/exploradores e cronistas de viagens.

Essas narrativas são revestidas de um imaginário e de uma representação que confere à Amazônia um sentido alheio ao tempo efetivo de suas práticas sociais, ou seja, enxerga-se a região amazônica de forma unificada e homogênea, como mencionado antes. Por isso, a Amazônia é chamada de ‘selva amedrontadora’, ‘inferno verde’, um lugar habitado por populações indígenas, consideradas bárbaras e atrasadas.

De acordo com Almeida, esse processo de homogeneização implica na invisibilização das identidades indígenas “com o propósito de eliminar qualquer forma de diversidade que não se traduzisse em termos sociais” (ALMEIDA, 2009, p.212). Todavia, Mignolo (2008) ressalta que os povos indígenas não são homogêneos, pois possuem, entre outras coisas, línguas e crenças diferentes umas das outras, sendo necessário, portanto, um “desprendimento do pensamento do eurocentrismo como esfera do conhecimento, a partir do qual é possível controlar a economia, a autoridade, o gênero e a sexualidade, em suma, a subjetividade” (MIGNOLO, 2009, p.242).

A presente pesquisa permite, então, caminhar em direção contrária aos que veem as Amazônias como terra uniforme, observando as multiplicidades e divergências de seus povos, principalmente, os indígenas. Para tanto, propõe-se um estudo de matérias jornalísticas publicadas no site *GI/Acre*, com o objetivo de identificar as representações (re)criadas, principalmente, sobre as populações nativas do referido estado.

Jornalismo e representações

Para Miquel Rodrigo Alsina (2009), a notícia é uma representação social da realidade cotidiana e que se manifesta na construção de um mundo possível. Ela gera sentido e noção de organização da realidade. De outro modo, ao ler determinada informação, as pessoas passam a atribuir sentido e fazer associações entre o que foi publicado nos meios de comunicação e o acontecido.

Segundo o autor Stuart Hall (2016a), representação é uma parte essencial do processo pelo qual “os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos” (HALL, 2016a, p.31). Para o autor, são as representações que conectam o sentido e a linguagem à cultura.

No tocante à Amazônia acreana, percebe-se que algumas informações noticiadas pela grande mídia sobre os povos indígenas ainda se concentram em destacar suas relações com a natureza, a ocupação de terras férteis, ou a presença indígena como atrapalho para a realização de atividades consideradas lucrativas, dando contornos de exotismo, retrocesso e primitivismo. Para Murari (2009), o exotismo, por exemplo, é uma percepção do mundo, que não produz uma compreensão exata do objeto, e sim uma noção imediata.

Sob essa perspectiva, Alsina (2009) dialoga com pensamento de Hall (1981), para explicar que a mídia atende a três funções básicas: primeiro, ela articula e constrói o conhecimento social. Em segundo lugar, a mídia busca refletir e se ver refletida. E, por fim, ela cumpre o papel de organizar e juntar o que tem sido representado e classificado seletivamente.

Em alguns momentos, os indígenas são relacionados a aspectos negativos (fazem pessoas reféns, fecham rodovias, fazem protestos e são presos), caso das seguintes matérias: “Índios fazem 3 servidores do ICMBio e um da Funai reféns em reserva no AC”, “Com dança e canto, índios fazem protesto contra PEC 215 no Acre”, “Índios fecham rodovia no AC em protesto por abastecimento de água”, “Índio é preso com 8 kg de droga em carro oficial da Sesai no AC”. Em outros momentos, são mencionados como importantes para a cura de doenças, fazem cursos profissionalizantes, e participam de desfiles de moda em São Paulo.

Nos 29 títulos dos textos estudados, são identificados somente os povos Ashaninkas, Yawanawá, Náuas e Huni Kuin. Nos demais, o *GI/Acre* faz uso genérico dos termos “índio(s)” e/ou “indígenas” sem especificações e/ou distinções. Apesar desses enfoques e da maneira homogeneizada com a qual as mais diversas etnias são tratadas, o *GI/Acre* também ressalta aspectos considerados positivos da cultura indígena, como percebemos na subcategoria “cultura”, que aborda questões como lançamento de livros, músicas, modas, séries e filmes, tais como nos textos: “Curta

acreano sobre lenda indígena é selecionado em festival internacional”, “‘Cultura foi bem representada’, diz pajé Yawanawá sobre desfile no SPFW”, “Eleito melhor DJ do país cria canção inspirada em rituais indígenas do AC”, “Série acreana com 13 capítulos vai abordar movimento indígena atual”, “Grupo lança livro digital sobre cultura e práticas indígenas em universidade do Acre”.

Na matéria “Jogo online sobre povo Huni Kuin do AC é lançado com download gratuito”, publicada em 15 de abril de 2016, o texto fala sobre um antropólogo que criou um jogo online inspirado nas lendas de uma etnia acreana:

Guilherme ressalta que o jogo é dedicado a dar visibilidade para a cultura indígena, que segundo ele, é desconhecida pela maioria dos brasileiros. Ele diz ainda que busca mudar a visão desrespeitosa (sic) e preconceituosa que ainda existe sobre os povos tradicionais (G1 ACRE, 2016).

É importante ressaltar que o “positivo” nesse contexto significa a relação dos povos indígenas, entre outras coisas, com a tecnologia. Os recursos tecnológicos são considerados pelos sujeitos não indígenas como sinônimo de avanço e progresso. Dito de outro modo, esses povos ganham atribuição de sentido e valorização quando relacionam seus aspectos culturais com aquilo que os demais povos consideram ser bom e próspero.

Porém, no texto “Eleito melhor DJ do país cria canção inspirada em rituais indígenas do AC”, observa-se um novo retrocesso no debate quanto ao uso excessivo da palavra “tribo”. O termo é mencionado oito vezes em todo o texto, tanto pela jornalista, que escreve a notícia, quanto na fala do entrevistado – o DJ Alok Petrillo. O autor Daniel Munduruku critica o uso da palavra “tribo” e afirma que ela é carregada de preconceito e estigma, e que não contempla todas as gentes, cores, saberes e sabores dos mais diversos povos nativos:

A palavra *tribo* está inserida na compreensão de que somos pequenos grupos incapazes de viver sem a intervenção do estado. Ser tribo é estar sob o domínio de um senhor ao qual se deve reverenciar. Observem que essa é a lógica colonial, a lógica do poder, a lógica da dominação. É, portanto, um tratamento jocoso para tão gloriosos povos que deveriam ser tratados com *status* de nações uma vez que têm autonomia suficiente para viver de forma independente do estado brasileiro. É claro que não é isso que se deseja, mas seria fundamental que ao menos fossem tratados com garbo (MUNDURUKU, 2017, p.12).

Como explicitado por Hall (1981), o jornalismo organiza, junta os temas que têm sido representados com mais frequência sobre a Amazônia acreana e os povos indígenas, classificando-os de acordo com seus interesses. Nesse processo de classificação, os indígenas aparecem junto com mitos, lendas, fauna e flora, todos interligados como se fossem coisa uma e singular. Todavia, ressalta-se que no exemplo mencionado anteriormente que relaciona povos indígenas à tecnologia (jogo online), (re)afirma-se o pensamento de Hall (1981) quando ele diz que a mídia não só articula informações já existentes, mas também pode (re)construir outras relações quando conveniente.

Observa-se uma alternância de sentido nas narrativas coletadas. Os povos indígenas são considerados culturalmente e socialmente importantes para a formação do estado do Acre, buscam formação acadêmica e qualificação profissional, como nos textos da subcategoria “estudo”: “Mais de 100 indígenas fazem cursos profissionalizantes no interior do AC” e “Com sonho de entrar na faculdade, indígenas saem do interior do AC para se preparar em pré-Enem na Ufac”.

Em outros momentos, eles vivem na pobreza, não têm trabalho e nem casa para morar, como no texto “Índios ocupam casas condenadas e sobrevivem de bananas no Acre”, inserido na subcategoria “moradia”. Eles também sofrem preconceito por ser considerado incapaz, como no texto da subcategoria “racismo”, intitulado “Políticos indígenas do Acre dizem sofrer preconceito racial: ‘acham que índio é incapaz’”.

Algumas das narrativas coletadas centram-se, portanto, na apresentação de fatos sobre a Amazônia, de forma essencializada, homogênea, naturalizada, limitando-a a parâmetros de interpretação centrados na conformação imagético-discursiva das mídias, isto é, na representação de um paradigma sobre os aspectos histórico-sociais dos povos amazônidas.

Retomando as premissas de Hall (1981) sobre as funções básicas das mídias, percebe-se que o site *GI/Acre* atua na manutenção do imaginário social sobre a Amazônia brasileira/acreana por meio da organização do espaço como totalidade vivenciada e inteligível. Nesse sentido, a mídia fornece discursos a partir dos quais são articulados significados, práticas e valores sobre a região.

Nessas matérias sobre os povos indígenas, verifica-se outro atributo da mídia: refletir e se ver refletida. Nesse aspecto, as notícias veiculadas pelo *GI/Acre* localizam,

qualificam e classificam os fatos de acordo com um mapa da realidade social. Conforme o pensamento de Alsina (2009), “essas qualificações são avaliativas e normativas. Ou seja, elas determinam quais as realidades que são aceitáveis e quais não o são” (ALSINA, 2009, p.71). Assim, a mídia categoriza o léxico, o estilo de vida e o discurso sobre a Amazônia Sul-Occidental, centrando-a em alguns caminhos, como o viés do exotismo nos seguintes textos: “‘Dr Raiz’ usa conhecimentos indígenas para cura das doenças”, “Índios loiros e de pele clara chamam atenção em aldeia no Acre”.

No primeiro texto, apesar da menção a conhecimentos indígenas logo no título, a palavra “índio” e/ou “indígena” não é citada na matéria e não há referência a que conhecimentos indígenas o título se refere, pois o Dr. Raiz – personagem principal da história – apenas menciona que foi seringueiro antes de morar em Rio Branco, mas não diz quais são as suas relações com os povos indígenas. Já no segundo texto, o *GI/Acre* considera possível a existência de indígenas albinos, porém, não consegue provar essa tese por meio dos especialistas entrevistados.

Outra característica observada nos textos coletados é o uso excessivo de fontes oficiais⁴ ou definidores primários⁵ (Funai, Secretária de Saúde do Estado do Acre etc) e especialistas⁶ (antropólogos, indigenistas, médicos etc) em detrimento de fontes indígenas e que tenham relação com o que está sendo veiculado. Segundo Hall *et al.* (2016b), “os media não criam automaticamente as notícias; melhor, estão dependentes de assuntos noticiosos específicos fornecidos por fontes institucionais regulares e credíveis” (HALL, 2016b, p. 315).

Observa-se esse aspecto na subcategoria “isolamento”, nos seguintes textos: “Funai registra migração de índios isolados do Peru para o Acre”, “‘Estão à própria sorte’, diz indigenista sobre povos isolados”, “Índios isolados fazem contato com

⁴ Fontes oficiais são pessoas “em função ou cargo público que se pronunciam por órgãos mantidos pelo Estado e preservam os poderes constituídos (executivo, legislativo e judiciário), bem como organizações agregadas (juntas comerciais, cartórios, companhias públicas etc.). É a preferida da mídia, pois emite informação ao cidadão e trata essencialmente do interesse público, embora possa falsear a realidade, para preservar seus interesses ou do grupo político”. (SCHMITZ, 2011, p.25).

⁵ Segundo Hall *et al.* (2016b), definidores primários são pessoas que ocupam posições poderosas ou elevado *status* na sociedade, e que dão opiniões sobre tópicos controversos, eles são considerados como tendo acesso a informação mais precisa ou especializada em assuntos específicos do que a maioria da população.

⁶ Os especialistas: “Além dos cientistas, são fontes especializadas os peritos, consultores, intelectuais, profissionais especializados, bem como organizações, grupos sociais ou quem se ocupa de um conhecimento específico. Estas fontes tendem à prolixidade, empregando termos técnicos e jargões. Igualmente agem política e estrategicamente”. (SCHMITZ, 2011, p.51).

Ashaninkas no interior do AC”, “Funai suspeita que índios isolados buscaram contato após agressão”, “Carteira do Corinthians é encontrada com índios isolados no AC”.

Por exemplo, no texto “‘Estão à própria sorte’, diz indigenista sobre povos isolados” só há uma única fonte que é o indigenista Carlos Meirelles, na época, assessor indígena da Assessoria Especial para Assuntos Indígenas do Acre. Já na matéria “Funai suspeita que índios isolados buscaram contato após agressão”, as fontes também são todas oficiais: Maria Augusta Assirati – presidente da Fundação Nacional do Índio; Carlos Lisboa – coordenador-geral de Índios Isolados e Recém Contatados da Funai; e Danielle Cavalcante, Coordenadora da Secretaria Especial de Saúde.

Na notícia “Índios isolados fazem contato com Ashaninkas no interior do AC”, novamente, só o sertanista José Carlos Meirelles é mencionado. Ele é identificado como assessor do governo do Acre. E, por fim, no texto “Carteira do Corinthians é encontrada com índios isolados no AC”, a fonte é apenas o especialista antropólogo Terri Aquino. Nesse texto, chama a atenção o fato de que muitas informações importantes sobre os isolados são retiradas de um relatório da Funai, sem que outra fonte seja consultada.

Para os estudiosos Roni Pacheco, Rosane Rosa e Reges Schwaab (2018), os povos indígenas têm baixa presença como fonte de informação nos textos informativos:

(...) e, quando têm voz, trata-se da citação de representantes indígenas residentes nas cidades, o que demonstra modos e restrições que caracterizam a prática jornalística dos espaços estudados, com a evidência de trabalho em torno de informações de fontes oficiais (PACHECO, ROSA, SCHWAAB, 2018, p.513).

O site *GI/Acre* exerce a função de estruturar e agrupar o que tem sido representado e classificado seletivamente sobre a região e seus povos. Em outras palavras, os *media* estabelecem um consenso e categorizam uma legitimidade representativo-simbólica sobre a espacialidade, sobre os sujeitos e sobre as realidades da região amazônica brasileira acreana. Para Woodward (2009), é por meio das representações que damos sentido às nossas experiências e ao que somos:

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (WOODWARD, 2009, p.17).

Na categoria “aspectos históricos” (“‘Eles não foram só vítimas’, diz historiador sobre índios Náuas”; “Cinco municípios concentram quase 70% da população indígena

do Acre, aponta levantamento”), observa-se uma tentativa de romper com algumas representações negativas a respeito dos povos indígenas que residem no Acre.

No primeiro texto, o historiador Marcus Vinícius ressalta que os Náuas contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento do Juruá, no Acre, não sendo apenas vítimas, mas parte importante do processo de formação histórica do estado. Outro ponto relevante é apontado no texto “Cinco municípios concentram quase 70% da população indígena do Acre, aponta levantamento”. O *GI/Acre*, baseando-se no documento o “Acre em Números 2017”, afirma que a população indígena no estado está concentrada em sua maioria em cinco municípios (Feijó, Santa Rosa do Purus, Manoel Urbano, Jordão e Tarauacá), e é de apenas 2,4%, ou seja, bem menor do que imagina quem não mora no Acre, que pensa ser a região totalmente habitada por povos indígenas.

Na subcategoria “direitos”, os jornalistas do site destacam a necessidade da demarcação das terras indígenas e de investimento em projetos que beneficiem as mais diversas etnias residentes no estado, como se observa nas seguintes notícias: “Acre tem 17 terras indígenas que esperam por demarcação, diz estudo”; “Acre anuncia investimento de R\$ 75 milhões para beneficiar povos indígenas”; “Acre sanciona lei que institui data da Semana dos Povos indígenas”; e “Edital oferece R\$ 630 mil para projetos que beneficiem povos indígenas no Acre”.

A última categoria a ser analisada é intitulada “violência”, em que constam seis textos noticiosos: “Índios feridos durante briga em aldeia no Acre passam por cirurgia”; “Índios fazem 3 servidores do ICMBio e um da Funai reféns em reserva no AC”; “Com dança e canto, índios fazem protesto contra PEC 215 no Acre”; “Índios fecham rodovia no AC em protesto por abastecimento de água”; “Índio é preso com 8 kg de droga em carro oficial da Sesai no AC”; “Bebê indígena morre após levar tiro na cabeça em Sena Madureira, interior do Acre”.

Nessa categoria, percebe-se novamente o uso excessivo de fontes oficiais e o silenciamento dos envolvidos nas notícias, caso do texto “Índios fazem 3 servidores do ICMBio e um da Funai reféns em reserva no AC”, em que só há a fala do Coordenador do Centro de Formação e Tecnologias do Juruá, Evilásio Santos, seguida de uma fala oficial da Funai. Ninguém fala representando o povo Nawa, responsável por manter as pessoas reféns. A mesma situação se repete no “Com dança e canto, índios fazem

protesto contra PEC 215 no Acre”, em que só há voz da Coordenadora Regional da Funai do Alto Purus, Maria Evanízia. Nesse texto, não são identificadas as etnias envolvidas no protesto.

Para Verônica Figueiredo e Dione Moura (2013), concede-se ao não indígena e às instituições do estado o poder de criar e dar sentido as questões indígenas. Esse silenciamento auxilia na criação e manutenção de representações sobre esses povos tradicionais da Amazônia brasileira.

Dos seis textos selecionados nesta categoria, observa-se que todos usam logo no título os termos “índio(s)” ou “indígena(s)”, sem especificação das etnias, mantendo o tratamento homogeneizado sobre o qual se falou anteriormente. Como afirma Daniel Munduruku (2017), esse é um “termo usado na relação política com o estado brasileiro” (MUNDURUKU, 2017, p.12). Ainda no seu pensar, a generalização é uma forma grotesca de chamar alguém, “pois empobrece a experiência de humanidade que o grupo fez e faz. É desqualificar o *modus vivendis* dos povos indígenas e isso não é justo e saudável” (MUNDURUKU, 2017, p.12). Além disso, destacam-se também os substantivos “briga”, “protesto”, “droga”, “tiro”, “reféns”, que relacionam as mais diversas etnias a truculência e ilegalidades, afastando-os dos processos civilizatórios da vida em sociedade.

Considerações finais

Nesse contexto, os jornalistas, bem como os demais narradores e/ou formadores de opinião, (re)constroem representações a partir das que já estão feitas. Porém, Alsina (2009) ressalta que elas podem mudar de acordo com as circunstâncias de cada momento e da perspectiva dos observadores. Dessa forma, as narrativas jornalísticas têm a tarefa de repensar o passado, oferecendo novas leituras sobre os temas em debate.

O jornalismo precisa modificar alguns conceitos a respeito dos povos indígenas presentes na Amazônia acreana. Ele deve se distanciar dos processos de homogeneização, dos estereótipos, do conceito de exotismo e da dicotomia limitadora inferno verde/paraíso tropical, que envolve a região amazônica como um todo. Por isso, espera-se com o desenvolvimento desta pesquisa, contribuir para o debate sobre o referido tema.

É preciso pensar a Amazônia brasileira acreana e sua gente (indígenas e não indígenas) como produtora de cultura, de linguagem, de pensamento. A região não é só distante, desconhecida e inspiração para criação de lendas, contos e romances, mas é, sobretudo, espaço de pluralidades culturais, de formas de resistência e multiplicidades.

O discurso tradicional que afirma ser a Amazônia brasileira uma região onde impera o atraso, a degeneração e a passividade constrói a noção de que esta terra sempre precisará ser dominada por “estrangeiros”, pois os autóctones, principalmente indígenas, nunca estarão aptos a fazer avanços e progredir sem a intervenção dos ‘de fora’. Diante disso, o estudo sugere outro olhar do jornalismo sobre essa região e sua população, indicando um caminho novo para o assunto.

Referências

ALBUQUERQUE, Gerson. Amazonialismo. In: ALBUQUERQUE, Gerson; PACHECO, Agenor Sarraf. *Uwa'kürü Dicionário Analítico*. Rio Branco – Acre, Editora Nepan, 2016.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2012.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. O lugar dos índios na história entre múltiplos usos do passado: reflexões sobre cultura histórica e cultura política. In: SOIHET, Raquel (org) et al. *Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ALSINA, Miquel Rodrigo. *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: edições 70, 2016.

FIGUEIREDO, Verônica de Sousa; MOURA, Dione Oliveira. Silenciamento e ausências: a saúde dos povos indígenas na mídia impressa brasileira. *Comunicologia: Revista de Comunicação e de Epistemologia da Universidade de Católica de Brasília*, v. 6, n. 2, p. 69-90, 2013. Disponível em:

<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/download/5279/3331>. Acesso em: 19 abril de 2019.

G1 ACRE. *Jogo online sobre povo Huni Kuin do AC é lançado com download gratuito*. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2016/04/jogo-online-sobre-povo-huni-kuin-do-ac-e-lancado-com-download-gratuito.html>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2017.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016a.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e ‘estórias’*. Florianópolis: Insular, 2016b.

HALL, Stuart. La cultura, los medios de comunicación y el efecto ideológico. In: CURRAN, J. et al. (Orgs.). *Sociedad y comunicación de masas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In: *A Brasilidade Modernista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HARDMAN, Francisco Foot. *A invenção da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup, 1995.

LUCIANO, Gersen dos Santos. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

MENDES, Francielle Maria Modesto. *Coronel de barranco: a literatura no imaginário social da Amazônia no primeiro ciclo da borracha*. Tese de Doutorado/História Social – FFLCH/USP, 2013.

MIGNOLO, Walter. Novas reflexões sobre a ‘idéia da América Latina’: a direita, a esquerda e a opção descolonial. *Cad. CRH*, Salvador, v. 21, n. 53, p. 237-250, Ago. 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792008000200004&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 05 Mar. 2019.

MUNDURUKU, Daniel. Usando a palavra certa pra doutor não reclamar. In: *Os índios de ontem e os indígenas de hoje*. Secretaria de Educação do Governo do Paraná, 2017.

MURARI, Luciana. *Natureza e Cultura no Brasil (1870-1922)*. São Paulo: Alameda, 2009.

PACHECO, Roni; ROSA, Rosane; SCHWAAB. Os indígenas em notícias dos jornais impressos da Amazônia Legal. In: *Anais do II Simpósio Internacional de Comunicação* [recurso eletrônico] / II Simpósio Internacional de Comunicação, de 22 a 24 de agosto de 2018, Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen: UFSM, DECOM, 2018.

SCHMITZ, Aldo Antonio. *Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo*. Florianópolis: Combook, 2011.

SEPLAN. *Acre em números 2017*. Rio Branco, 2017

SOUZA, Márcio. *Amazônia indígena*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

RIBEIRO, Darcy. *O Brasil como problema*. São Paulo: Global Editora, 2015.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.